Uso da internet pelos pacientes como fonte de informação em saúde e a sua influência na relação médico-paciente

Use of the internet by patients as a source of health information and its influence on the physician-patient relationship

Jennifer Corrêa de Carvalho Silvestre[1], Pedro Antônio Córdova Rocha[1], Brian de Carvalho Silvestre[1], Rodrigo Viana Cabral[2], Fabiana Schuelter Trevisol[3]

RESUMO

Introdução: O amplo desenvolvimento no campo tecnológico facilitou o acesso à informação principalmente pela internet. O objetivo deste estudo foi avaliar o uso da internet como ferramenta de busca de informações em saúde pelos pacientes, comparando os atendidos na rede pública e privada de saúde, e sua influência na relação médico-paciente. **Métodos:** Estudo transversal. Participaram do estudo pacientes entre 18-60 anos, em sala de espera para atendimento ambulatorial na clínica Pró-vida e da Secretaria de Saúde no Município de Tubarão, Santa Catarina. Foi utilizado questionário com questões sobre o uso da internet pelos pacientes e a sua influência na relação médico-paciente. **Resultados:** Dos 216 pacientes participantes, a média de idade foi de 41,2 (DP=12,4) e 67,1% eram mulheres. Maior escolaridade, cor de pele branca, maior renda familiar e uso de convênio médico ou atendimento particular estiveram associados ao grupo atendido na Clínica Pró-vida. Do total, 63,4% acessavam a internet. Houve associação entre uso da internet e atendimento na rede privada (p=0,007). Indivíduos na faixa etária entre 31-45 anos de idade utilizavam mais a internet (42,3%; p<0,001) e as mulheres consultavam mais a internet para informações sobre saúde (p=0,003). **Conclusão:** Metade dos pacientes utiliza a internet como fonte de informações sobre saúde, 25,5% conversa com o seu médico sobre as informações adquiridas pela internet, sem mudar ou interferir no tratamento médico e, dos pacientes que contam para seus médicos a busca de informações na internet, apenas 16% apresentaram reação negativa por parte do médico, não prejudicando a relação médico-paciente.

UNITERMOS: Relações Médico-Paciente, Internet, Acesso à Informação.

ABSTRACT

Introduction: *The widespread development in the technological field has facilitated access to information, especially through the internet. The aim of this study was to evaluate the use of the internet by patients as a tool for finding health information, comparing those served by public and private health networks, and its influence on the doctor-patient relationship.* ***Methods:*** *A cross-sectional study including outpatients aged 18-60 years in the waiting rooms of Clínica Pro-vida and the public Health Department of Tubarão, Santa Catarina. We used a questionnaire with questions about Internet use by patients and its influence on the doctor-patient relationship.* ***Results:*** *Of the 216 participants, the mean age was 41.2 (SD = 12.4) and 67.1% were women. Higher schooling, white skin color, higher family income, and use of private health insurance or care were associated with the group treated at Clínica Pró-vida. Of the total, 63.4% accessed the internet. There was an association of internet use with care in the private network (p = 0.007). Individuals aged between 31-45 years used the internet more (42.3%, p <0.001), and more women searched the internet for health information (p = 0.003).* ***Conclusion:*** *Half the patients use the internet as a source of health information, 25.5% talk with their doctors about internet-acquired information, without changing or interfering with the medical treatment. Of the patients who tell their doctors about their search for information on the internet, only 16% reported a negative reaction by the physician, but without negatively interfering with the doctor-patient relationship.*

.

KEYWORDS*: Physician-Patient Relations, Internet, Access to Information.*

[1] Graduandos do Curso de Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina.
[2] Médico. Residente em Radiologia no Hospital Nossa Senhora da Conceição.
[3] Doutora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde e do Curso de Graduação em Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul).

INTRODUÇÃO

A relação médico-paciente, do ponto de vista histórico, surgiu provavelmente junto com a medicina hipocrática, cuja finalidade era o benefício humano, tendo em vista a pessoa e não simplesmente a doença (1).

A falta de comunicação e o pouco tempo que o médico disponibiliza atualmente durante uma consulta talvez estejam relacionados com a insatisfação do paciente pelo atendimento recebido (2). Em um estudo realizado por Pereira e colaboradores, 70% dos pacientes informaram que os médicos não ofereceram informações ou esclarecimentos suficientes sobre seus estados clínicos. Talvez isso justifique o motivo pelo qual os pacientes procurem mais informações a respeito da sua doença (2). E essa busca por informações está sendo facilitada recentemente devido a uma ampla transformação tecnológica, ampliando o acesso à informação, sobretudo por meio da internet (3). No Brasil houve aumento do número de residências que possuem computador com acesso à internet, em decorrência dos investimentos feitos no país com relação à infraestrutura tecnológica para atender a demanda (4).

É esse aliado tecnológico que tem feito surgir um paciente com vontade de pesquisar mais sobre sua doença, sintomas, medicamentos, custos da internação e tratamento (3). Contudo, saber selecionar a melhor e a mais correta informação não é tarefa simples (5). Por isso, o cidadão comum encontra muitas vezes dificuldades de distinguir, por exemplo, o certo do enganoso ou o inédito do tradicional (6). Apesar dessas dificuldades, o paciente se sente, de alguma forma, conhecedor de determinado assunto, o que pode levar a situações em que este se encontra menos disposto a acatar passivamente as determinações médicas (3).

O amplo desenvolvimento dos meios de informação e o maior acesso pela população abrem atualmente um novo campo na relação médico-paciente, desde aquela posição de autoridade médica, ministrando conselhos e tratamento até uma nova posição de compartilhamento de decisões entre o paciente e o médico (7). Atualmente, o conhecimento tecnológico permite o rápido acesso, em condições técnicas de segurança e confidencialidade, a informações técnico-científicas detalhadas via internet, tanto para os médicos quanto para leigos (8).

Considerando que a internet atualmente é uma grande ferramenta no intuito de buscar informações nos mais variados assuntos, inclusive na área da saúde, esse estudo teve por objetivo avaliar o uso da internet como ferramenta de busca de informações em saúde pelos pacientes do atendimento público e privado de Tubarão (SC), a comparação entre estes dois grupos, e sua influência na relação médico-paciente.

MÉTODOS

Foi realizado um estudo epidemiológico com delineamento transversal. A população em estudo foi constituída por pacientes adultos da rede pública e rede privada de saúde, encontrados na sala de espera para o atendimento ambulatorial pelo Sistema Único de Saúde (SUS) na Secretaria Municipal de Saúde de Tubarão, Santa Catarina, e no pronto atendimento da Clínica Pró-vida no mesmo município, que oferece atendimento médico particular ou por convênios. Para cálculo amostral foi utilizada a população total de Tubarão (96.284 pelo censo IBGE, 2010), o número estimado de usuários de internet no Brasil (39,2%) e margem de erro de 1%, resultando em amostra mínima de 183 pessoas que deveriam ser entrevistadas para nível de confiança de 95%. A seleção da amostra foi por conveniência, nos meses de julho a dezembro de 2011, entre os pacientes encontrados nos locais de atendimento supracitados durante o período de estudo até se atingir o tamanho amostral.

Foram incluídos participantes na faixa etária entre 18 e 60 anos de idade, pacientes a espera de atendimento ou acompanhantes (em caso de menores de 18 anos ou idosos) e que aceitaram participar do estudo mediante anuência do termo de consentimento. Foram excluídos pacientes com deficiência auditiva ou visual ou com alguma incapacidade cognitiva ou mental que os impedisse de responder ao questionário, mediante avaliação dos pesquisadores ou de familiares presentes.

Os dados foram coletados por meio de entrevista, tendo como base um instrumento de coleta de dados elaborado e aplicado pelos autores do estudo, sendo composto por 25 perguntas sobre a utilização da internet como fonte de informação em saúde e a sua influência na relação médico-paciente, além de características gerais da população em estudo. Caso o participante não utilizasse a internet, foram feitas perguntas similares utilizando outras fontes de informação em saúde. Os dados de identificação dos participantes do estudo foram mantidos em sigilo.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Sul de Santa Catarina, sob registro 11.184.4.01.III, em respeito à Resolução 196 de 1996 do Conselho Nacional de Saúde.

Para o cálculo de tamanho de amostra foi utilizado o programa OpenEpi versão 2.3.1 (12). Os dados coletados foram inseridos no programa Epidata versão 3.1 (EpiData Association, Odense, Denmark) e a análise estatística foi realizada no software Statistical Package for Social Sciences (SPSS for Windows v 19; Chicago, IL, USA). As variáveis foram descritas por medidas de tendência central e dispersão ou por frequência, conforme o tipo de variável. A comparação entre médias foi feita pelo teste de t Student, os testes de associação entre as variáveis qualitativas foram feitas pelo teste de qui-quadrado ou exato de Fisher com intervalo de confiança de 95%.

RESULTADOS

Participaram do presente estudo 216 indivíduos abordados em dois serviços de saúde: clínica de caráter privado Pró-vida e no ambulatório da Secretaria de Saúde do Município de Tubarão (SC). A média de idade foi de 41,2 (DP = 12,4) anos. A Tabela 1 descreve as características sociodemográficas e socioeconômicas dos participantes do estudo.

TABELA 1 – Características demográficas e socioeconômicas dos participantes do estudo, distribuídas pelo local de atendimento à saúde (n=216)

	Total n	Pró-vida n (%)	Secretaria da Saúde n (%)	Valor de P*
Sexo				0,89
Masculino	71	36 (50,7)	35 (49,3)	
Feminino	145	72 (49,7)	73 (50,3)	
Idade em anos				0,008
18-30	48	30 (62,5)	18 (37,5)	
31-45	78	44 (46,4)	34 (43,6)	
46-60	90	34 (37,8)	56 (62,2)	
Escolaridade em anos				<0,001
0-11	140	49 (35,0)	91 (65,0)	
≥12	76	59 (77,6)	17 (22,4)	
Cor da pele				0,01
Branco	190	101 (53,2)	89 (46,8)	
Não branco	26	7 (26,9)	19 (73,1)	
Situação conjugal				0,18
Solteiro	35	20 (57,1)	15 (42,9)	
Casado	143	75 (52,4)	68 (47,6)	
Separado	29	10 (34,5)	19 (65,5)	
Viúvo	9	3 (33,3)	6 (66,7)	
Situação de trabalho**				0,079
Trabalha	148	80 (54,1)	68 (45,9)	
Não trabalha	68	28 (41,2)	40 (58,8)	
Renda familiar				<0,001
Até R$ 1.000	60	15 (25,0)	45 (75,0)	
> R$ 1.000	156	93 (59,6)	63 (40,4)	
Tem filhos				0,006
Sim	174	79 (45,4)	95 (54,6)	
Não	42	29 (69,0)	29 (31,0)	
Sistema de saúde***				<0,001
SUS	115	19 (16,5)	96 (83,5)	
Particular	57	42 (73,7)	15 (26,3)	
Convênio	95	76 (80,0)	19 (20,0)	

* Teste de qui-quadrado de Pearson (IC 95%).
** Tipo de trabalho: assalariado e autônomo; não trabalha: dona de casa, aposentado, estudante, desempregado.
*** Alguns participantes responderam a mais de uma alternativa.

Maior escolaridade, cor de pele branca, maior renda familiar e uso de convênio médico ou atendimento particular estiveram associados ao grupo de participantes atendidos na Clínica Pró-vida. Quanto ao fato de ter filhos, houve associação com o grupo de participantes atendidos no sistema público municipal.

O perfil dos pacientes entrevistados na Pró-vida e na Secretaria da Saúde que acessavam a internet está descrito na Tabela 2. Entre os pacientes participantes do estudo, 63,4% costumam acessar a internet e 58,8% possuem e-mail.

TABELA 2 – Distribuição dos participantes do estudo quanto ao uso de internet, busca e uso de informações em saúde de acordo com o local de coleta de dados

	Total N	Pró-vida n (%)	Secretaria da Saúde n (%)	Valor de P*
Acessa internet (n=216)				0,007
Sim	137	78 (56,9)	59 (43,1)	
Não	79	30 (38,0)	49 (62,0)	
Pesquisa saúde/doença (n=137)				0,523
Sim	108	63 (58,3)	45 (41,7)	
Não	29	15 (51,7)	14 (48,3)	
Acessa antes da consulta (n=108)				0,361
Sim	39	25 (64,1)	14 (35,9)	
Não	69	38 (55,1)	31(49,9)	
Acessa depois da consulta (n=108)				0,944
Sim	74	43 (58,1)	31 (41,9)	
Não	34	20 (58,3)	14 (41,7)	
Usa informação com médico (n=74)				0,605
Sim	55	31 (56,4)	24 (43,6)	
Não	19	12 (63,2)	7 (36,8)	
Mudou tratamento (n=74)				0,687**
Sim	11	7 (63,6)	4 (36,4)	
Não	63	36 (57,1)	27 (42,9)	
Interferiu no tratamento (n=74)				0,375**
Sim	9	4 (44,4)	5 (55,6)	
Não	65	39 (60,0)	26 (40,0)	

* Teste de qui-quadrado de Pearson (IC 95%).
** Teste exato de Fisher (IC95%).

Houve associação entre uso da internet e atendimento na rede privada. Além disso, indivíduos na faixa etária entre 31-45 anos de idade utilizavam mais a internet (42,3%; valor de P < 0,001). Comparando a média de idade dos pacientes usuários e não usuários da internet a média foi de 36,3 (DP = 11,3) e 49,6 (DP = 9,4) anos de idade, respectivamente (valor de P = 0,017). As mulheres consultavam mais a internet para informações sobre saúde e doença (valor de P = 0,003).

Dos 137 participantes, 89,8% utilizavam o computador de casa para acessar a internet 35,6% deles acessavam a internet várias vezes ao dia. Os locais utilizados como acesso a internet são apresentados na Figura 1.

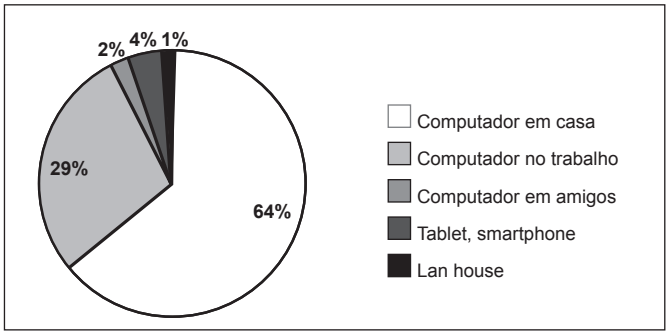


FIGURA 1 – Locais utilizados para acesso a internet entre os participantes do estudo (n=192). Alguns participantes responderam a mais de uma alternativa.

Durante a consulta médica, entre os participantes que buscavam informações na internet, grande parte alegou que não houve reação negativa por parte do médico atendente, de acordo com a Figura 2. Em relação à fonte de pesquisa acessada na internet, o maior destaque foi para o portal do Google, com 42,6% acessos feitos pelos entrevistados.

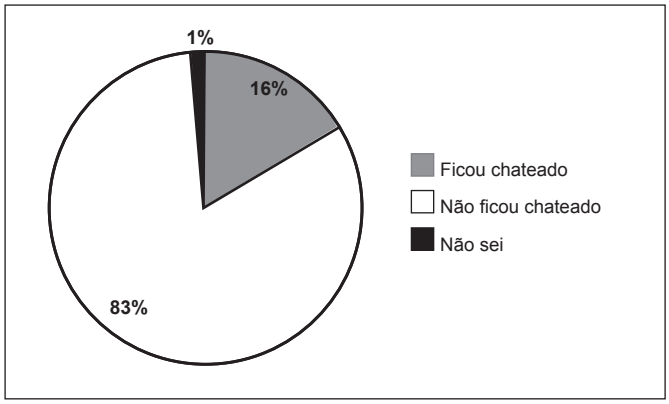


FIGURA 2 – Reação dos profissionais médicos ao uso de informações obtidas na internet pelos pacientes e discutidas durante a consulta (n=74).

Quando questionado ao paciente sobre a qualidade de informação em saúde disponível na internet, as respostas obtidas são apresentadas na Figura 3. Nenhum participante avaliou as informações como totalmente errôneas.

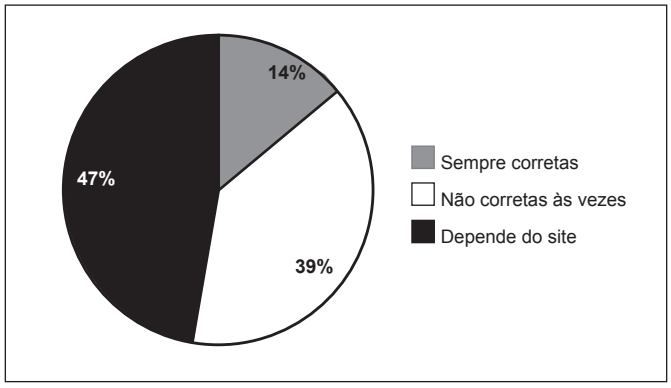


FIGURA 3 – Avaliação das informações em saúde encontradas na Internet sob a opinião dos pacientes (n=108).

Na abordagem dos indivíduos que não utilizavam a internet como fonte de pesquisa e pesquisavam por outros meios de comunicação (17,1%) como jornais, revistas ou programa de entretenimento, não houve significância estatística nos resultados quando eram questionados se usavam essas informações antes ou após a consulta médica ou se abordavam o médico para interferir na conduta e mudar o tratamento por conta própria.

DISCUSSÃO

Com o avanço tecnológico, a internet tem aumentado abruptamente o acesso do indivíduo à comunicação, ao entretenimento e à informação (9).

A saúde é umas das áreas que mais apresenta informações disponíveis para um número cada vez maior de pessoas interessadas em obter maior conhecimento sobre sua condição de saúde ou de parentes e amigos. Não só a internet como a televisão têm se tornado os principais meios de difusão da informação na área da saúde. Na internet são incontáveis os números de sites que disponibilizam temas vinculados com a saúde e doença (3).

No presente estudo, dos 216 indivíduos entrevistados, 50% deles utilizavam a internet para ter acesso a informações sobre saúde e doença. Comparando a rede privada com a rede pública, indivíduos usuários da clínica particular utilizavam mais a internet para conhecimento sobre saúde e doença (58,3%), sendo na maioria mulheres (p= 0,003). Esse resultado foi similar ao estudo de Chehuen Neto et al., que revelou que a maioria dos entrevistados (96,21%) já pesquisaram, ao menos uma vez, informações sobre saúde, com hegemonia da internet como instrumento de busca (74,6%) (10). Um estudo português mostrou que 30% da população daquele país já utilizaram a internet para procurar informações relacionadas com a saúde (11). Outro estudo norte-americano revela que mais de 70 milhões de americanos utilizavam a internet para adquirir conhecimento sobre saúde e doença (12).

Muitos fatores podem influenciar a frequência com que se pesquisam informações em saúde na internet, como a curiosidade e as experiências vividas pelos próprios pacientes. Quando os indivíduos são acometidos por doenças, tornam-se mais propensos à busca por respostas para seus problemas (13). O estudo de Chehuen Neto et al. revelou que 27,73% dos entrevistados pesquisaram assuntos em saúde quando eles mesmos enfrentaram alguma doença ou a vivenciaram no ambiente familiar (10).

Pandey et al., demonstraram que as mulheres buscam mais informações sobre saúde na internet que os homens, assim como evidenciado no presente estudo, procurando se prevenir, evitar ou até reduzir os custos de um tratamento de um dos membros da família, ajudando no orçamento familiar (14).

Algumas hipóteses podem explicar o motivo pelo qual os homens não procuram informações relacionadas a saúde e doença. O atendimento de programas de saúde não estimula o autocuidado masculino, já que as campanhas de saúde pública enfocam ações preventivas voltadas para as mulheres. Além disso, como o homem é visto como viril, forte e invulnerável, o fato de procurar o serviço de saúde como prevenção poderia associá-lo à fraqueza, insegurança e medo. Outra questão que reforça essa diferença estaria associada ao medo de descobrir uma doença grave (15).

De acordo com a escolaridade, os participantes com 12 anos ou mais de estudo tiveram maior procura pelo atendimento privado (77,6%, $p < 0,001$). Foi observado resultado significativo em relação à renda familiar ($p < 0,001$) quando comparado participantes da rede privada e da rede pública. A maioria dos participantes que frequentavam a clínica Pró-vida possuía renda familiar acima de R$ 1.000,00 (59,6%) diferentemente daqueles que utilizam a Secretaria da Saúde, cuja sua renda familiar é abaixo de R$ 1.000,00 (75%). Stamm et al. verificaram o perfil socioeconômico dos pacientes atendidos ambulatorialmente no hospital universitário da Universidade Federal de Santa Catarina e constataram que a maior parte dos pacientes atendidos tinha apenas o primeiro grau incompleto (58,6%) e a renda familiar de até dois salários mínimos foi de 75,1% (16). Dados semelhantes foram encontrados na Fundação Hospitalar Estadual do Acre, em que 70% dos entrevistados tinham renda familiar de até dois salários mínimos, 26% nunca frequentaram a escola e 12% não completaram o ensino fundamental (2). Pessoas com baixo nível socioeconômico geralmente não demonstram preocupação sobre sua enfermidade e demoram a procurar atendimento médico, principalmente devido ao baixo grau de instrução (16).

Com relação à cor da pele, no presente estudo verificou-se que as pessoas não brancas utilizavam o serviço público de saúde em maior proporção do que o atendimento privado ($p = 0,01$). Ribeiro et al. refere que a frequência do uso para atendimento público é 1,4 vezes maior pelos pretos e pardos do que os brancos, por apresentarem menor escolaridade, menor renda familiar per capita e a inserção social ser mais precária (17, 18).

Na Secretaria da Saúde, os entrevistados utilizavam mais o SUS, enquanto na clínica Pró-vida prevalece o uso de convênios seguido do atendimento particular ($p < 0,001$). Nas clínicas privadas, o perfil dos usuários tanto de planos de saúde como consultas particulares são pessoas de maior renda familiar, de cor branca, com maior nível de escolaridade, moradoras das capitais e regiões metropolitanas e inseridas em determinados ramos de atividade do mercado de trabalho (19). No estudo de Stamm et al. os pacientes frequentadores do ambulatório do hospital universitário possuíam baixo grau de instrução, 92,7% deles eram usuários do SUS, pertenciam a classe social baixa, portanto, eram pacientes em situação de pobreza (16). Essas proporções variam de acordo com cada região do país. No Sul e Sudeste a relação de usuários e não usuários do SUS é na proporção de 1:1 e já nas regiões Norte e Nordeste a proporção é de 2:1, respectivamente (17).

Quando questionado sobre ter ou não filhos, os participantes atendidos na Secretaria da Saúde responderam ter filhos em maior proporção (54,6%) do que os indivíduos da Pró-vida ($p = 0,006$). Um estudo realizado no município de São Paulo, com mulheres jovens pertencentes tanto à rede privada quando à rede pública, mostrou que a prevalência de mulheres com baixo padrão socioeconômico e que frequentavam a saúde pública apresentam maior número de gestações e partos, refletindo o perfil social. A desigualdade social e econômica é citada como um grande fator de diferenciação das condições da saúde pública de uma população, uma vez que, em geral, as mulheres da rede pública são donas de casa e, por terem baixo nível de instrução, não aderem às ações de planejamento familiar (20).

Ao questionar sobre o acesso a internet, verificou-se que a maioria dos entrevistados tinha essa prática (63,4%). Estudo realizado em dezembro de 2010 constatou que cerca de 1.9 bilhões de pessoas possuíam acesso à internet, uma penetração global de aproximadamente 29%. O número de usuários de internet no mundo cresceu 445% entre o ano de 2000 e 2010 (3, 21).

No Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Bioestatística (IBGE), o percentual de brasileiros de dez anos ou mais de idade que acessaram ao menos uma vez a internet pelo computador aumentou 75,3% em três anos, passando de 20,9% para 34,8% das pessoas nessa faixa etária, ou seja, 56 milhões de usuários em 2008. O aumento no acesso à internet se deu tanto para os homens (de 21,9% em 2005 para 35,8% em 2008) quanto para as mulheres (de 20,1% para 33,9%) (22).

Um estudo realizado pela CETIC (Centro de Estudos de Sobre Tecnologia da Informação e da Comunicação) em 2009 constatou que as maiores porcentagens de usuários da internet por região se encontram nas regiões Sudeste, Centro-Oeste e Sul, com 45%, 45% e 43%, respectivamente (21).

Foi evidenciado que a maior parte do acesso à internet é feito pelos participantes da Pró-vida (56,9%, $p = 0,007$). Provavelmente porque nas clínicas particulares encontram-se pessoas com melhor situação financeira, com maior nível de escolaridade e boa infraestrutura, facilitando o acesso à internet.

Os usuários da internet possuem um perfil distinto daquelas pessoas que não utilizam a rede, principalmente em relação à idade, ao nível de instrução e à renda. Dados revelam que o nível de instrução dos usuários da internet está em torno de 10,7 anos, enquanto que os das pessoas que não a utilizam ficaram em torno de 5,6 anos. O rendimento médio mensal domiciliar per capita das pessoas que não utilizam este dispositivo ficou em torno de R$ 333,00, representando um terço daqueles indivíduos que acessam a internet (23). Já a média de idade dos usuários da internet no Brasil situa-se em torno de 28,1 anos, segundo o IBGE, o que difere do presente estudo, em que a faixa etária que mais tem acesso à internet está entre 31 a 45 anos de idade (42,3% com $p < 0,001$), com média de 36,3 anos de idade. Essa diferença pode ser explicada pela exclusão de menores de 18 anos como participantes do presente estudo.

Segundo Alexiou e Falagas, indivíduos com maior nível de escolaridade geralmente estão mais preparados para fazer uma interpretação mais acurada das informações relacionadas à saúde e doença, com maior possibilidade de aplicá-las no seu cotidiano (24). Surge então o "paciente *expert*", ou seja, aquele paciente que busca informações sobre doenças, diagnósticos, sintomas e tratamento, não só para si mesmo, mas para pessoas ao seu redor (3).

Ao pesquisar informações para saúde e doença, os participantes do presente estudo responderam que 48,1% pesquisam para si mesmo, seguidos de 31,5% que pesquisam para família, concordando com pesquisa realizada na Universidade de São Paulo cuja porcentagem foi de 95,8% e 72,6%, respectivamente (25). Muitos pacientes têm esta atitude para ter noções prévias sobre sua condição de saúde e membros de sua família mesmo antes de procurar o profissional médico (21). Cerca de 12,5% dos portugueses entre 15 e 80 anos de idade pesquisam informações de saúde antes ou depois de uma consulta médica e foi evidenciado que essas informações tranquilizam os portugueses duas vezes mais daqueles que não pesquisam (11).

Os diferentes grupos estudados não apresentaram dado significativos quando ao acesso à internet antes ou depois consulta médica, porém, a maioria respondeu que acessa após a consulta médica (34,3%) e apenas 25,5% destes usam informações adquiridas na internet para conversarem com o médico na consulta seguinte, sem mudar ou interferir na conduta médica. Uma hipótese relacionada ao fato de pesquisarem depois de uma consulta médica pode ser devido à baixa qualidade de comunicação médico-paciente, em que os médicos não ofereçam informações ou esclarecimentos suficientes sobre as condições clínicas do paciente (2). Para que haja boa comunicação entre o profissional da saúde e o paciente é necessário confiança no médico e no sucesso terapêutico (26). Além disso, a relação médico-paciente não é apenas um encontro ocasional, é mais do que a anamnese e o exame físico, receitar medicamentos e prescrever condutas; ela mescla habilidades técnicas e pessoais. É necessária, portanto, a sensibilização do médico pelas mudanças sentidas e refletidas a cada momento pelo paciente, ou seja, a empatia, essencial neste encontro (2, 27).

É importante ressaltar que a procura por informações não faz com que o paciente tome atitudes de forma autônoma, como mudar o tratamento medicamentoso ou não medicamentoso, decidir por outras condutas preventivas, diagnósticas ou curativas. Portanto, a informação serve, de fato, para compreender melhor sobre sua situação clínica.

Em um estudo no qual participaram 494 pessoas, 50% revelaram compartilhar com o médico as informações adquiridas na internet, alegando que sentem-se preparadas por terem pesquisado na internet e, assim, sua opinião deve ser levada em conta pelo médico (14). Já em outra pesquisa, realizada com 3.209 pessoas, apenas 8% conversavam com o médico sobre o que havia pesquisado na internet (28).

No estudo realizado por Madeira, pôde-se concluir que a maioria dos indivíduos entrevistados interagiu durante a consulta médica sem exercer sua autonomia perante o médico, porém, acredita-se que, com a facilidade ao acesso às informações, ocorra uma evolução natural naquele paciente e que ele comece a interagir na consulta médica e possibilite um maior exercício de suas autonomias. Além disso, constatou-se que mais de 50% dos médicos apresentaram uma reação negativa devido ao uso da internet pelos pacientes. Alguns médicos acham que o paciente não pode e não deve discutir, questionar ou contestar seus diagnósticos e procedimentos, mostrando-se pouco flexíveis e não dispostos a compartilhar o poder de decisão sobre a conduta terapêutica (25). No presente estudo, de acordo com a percepção dos pacientes que mencionaram ao médico a busca de informações na internet, apenas 16% dos profissionais ficaram chateados com esta prática. Estudo conduzido no Município de Tubarão, entrevistando médicos e professores do curso de Medicina verificou que apenas 11% se sentiam incomodados quando o paciente mencionava informações adquiridas na internet durante a consulta médica (29).

Há opiniões distintas em relação ao uso da internet para obter informações destinadas a área da saúde (3). Para Haug, o acesso ao conhecimento científico poderia esclarecer a profissão médica, reduzindo seu poder, autoridade e prestígio social, ou seja, o paciente poderia resistir à conduta médica (30). Já para Freidson, a relação médico-paciente baseia-se na autoridade do primeiro em relação ao segundo, pois o médico adquiriu essa autoridade devido ao conhecimento que será aplicado em resolver os problemas do paciente e este se submete ao médico. Por mais que a população tenha acesso aos assuntos médicos, o saber da medicina sempre é superior, uma vez que o conhecimento e a técnica médica nunca estão estagnados e sempre estão em evolução, desafiando o médico a estar constantemente atualizado (31).

Entre as limitações do estudo, destaca-se o fato de a coleta de dados ter sido realizada em apenas dois serviços de saúde, que pode não representar a realidade da população. Contudo, o tamanho amostral é adequado e não houve intenção de comparar os serviços e, sim, a diferenciação entre usuários de atendimento público e privado em saúde. Ressalta-se que há escassez na literatura sobre este tema em questão e há o interesse da sociedade e da comunidade científica em conhecer a importância da internet como ferramenta de informação e sua influência na relação médico-paciente.

CONCLUSÃO

Conclui-se que 50% dos entrevistados utilizavam a internet como fonte de pesquisa para procura informações sobre saúde e doença; 25,5% dos entrevistados conversavam com o seu médico sobre as informações adquiridas pela internet, sem mudar ou interferir no tratamento médico e 16% dos pacientes alegaram que não houve reação negativa por parte do médico, não prejudicando a relação médico paciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Daikos GK. History of medicine: our Hippocratic heritage. Int J Antimicrob Agents. 2007;29(6):617-20.
2. Pereira MGA, Azevedo ES. A relação médico-paciente em Rio Branco/AC sob a ótica dos pacientes. Rev Assoc Med Bras. 2005;51(3):153-7.
3. Garbin HBR, Neto AFP, Guilam MCR. A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica. Interface Comum Saúde Educ. 2008;12(26):579-88.
4. Teixeira CA. Cresce o número de usuários da internet no Brasil. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 18 set. 2006. Caderno INFO.
5. Giustini D. How Google is changing medicine. BJM. 2005;331(7531):1478-8.
6. Castiel LD, Vasconcellos-Silva PR. A interface Internet/s@úde: perspectivas e desafios. Interface Comun Saúde Educ. 2003;7(13):47-64.
7. Campos CJR, Anção MS, Ramos MP, Torello G, Sigulem D. A consulta médica virtual: aspectos éticos do uso da internet. Psiquiatr Prat Med 2001;34(1). [Site da Internet]. Disponível em: http://www.unifesp.br/dpsiq/polbr/ppm/index05.htm.
8. Locatis C, Fontelo P, Sneiderman C, Ackerman M, Uijtdehaage S, Candler C et al. Webcasting videoconferences over IP: Asynchronous communication experiment. J Am Med Inform Assoc. 2003;10(2):150-3.
9. Souza JFR, Marinho CLC, Guilam MCR. Consumo de medicamentos e internet: análise crítica de uma comunidade virtual. Rev. Assoc. Med. Bras. 2008;54(3):225-31.
10. Chehuen Neto JA, Soares GMT, Delgado AAA, Lima JV, Beligoli DA, Mello CS. Informações em saúde e a população: a relação médico-paciente e as repercussões no tratamento. HU Revista, Juiz de Fora. 2010;36(1):13-8.
11. Santana S, Pereira AS. Da utilização da internet para questões de saúde e doença em Portugal. Possíveis repercussões na relação médico-doente? Acta Med Port. 2007;20:47-57.
12. Anderson JG, Rainey MR, Eysenbach G. The Impact of Cyber-Healthcare on the Physician-Patient Relationship. J Med Syst. 2003;27(1):67-84.
13. Attfield SJ, Adams A, Blandford A. Patient information needs: pre- and post-consultation. Health Informatics J. 2006;12(2):165-77.
14. Pandey SK, Hart JJ, Tiwary S. Womens health and the internet: understanding emerging trends and implications. Soc. Sci. Med. 2003;56(1):179-91.
15. Gomes R, Nascimento EF, Araújo FC. Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior. Cad. saude publica. 2007;23(3):565-74.
16. Stamm AMNF, Osellame R, Duarte F, Cecato F, Medeiros LA, Marasciulo AC. Perfil socioeconômica dos pacientes atendidos no ambulatório de Medicina Interna do Hospital Universitário da UFSC. ACM Arq Catarin Med. 2002;31(1-2):17-24.
17. Ribeiro MCSA, Barata RB, Almeida MF,Silva ZP. Perfil sociodemográfico e padrão de utilização dos serviços de saúde para usuários e não usuários do SUS. Ciên Saúde Coletiva. 2006;11(4):1011-22.
18. Ribeiro MCSA, Barata RB, Almeida MF, Silva ZP. Perfil sociodemográfico e padrão de utilização dos serviços de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS), 2003 - 2008. Ciên Saúde Coletiva. 2011;16(9):3807-16.
19. Pinto LF, Soranz DR. Planos privados de assistência à saúde: cobertura populacional no Brasil. Ciên Saúde Coletiva. 2004;9(1):85-98.
20. Gomes PD, Zimmermmann JB, Oliveira LMB, Leal KA, Gomes ND, Goulart SM, et al. Contracepção hormonal: uma comparação entre pacientes das redes pública e privada de saúde. Ciên Saúde Coletiva. 2011;16(5):2453-60.
21. Bastos BG, Ferrari DV. Internet e educação ao paciente. Arq. Int. Otorrinolaringol. 2011;15(4):515-22.
22. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pnad 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acessado 20 abr. 2011.
23. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoa, Pnad 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acessado 20 abr. 2012.
24. Alexiou VG, Falagas ME. E-meducation.org: an open acess medical education web portal. BMC Med Educ. 2008;8:6.
25. Madeira W. Navegar é Preciso: avaliação de impactos do uso da internet na relação médico-paciente. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Saúde Pública da USP. São Paulo: 2006. 132p.
26. Rossi-Barbosa LAR, Lima CC, Queiroz IN, Fróes SS, Caldeira AP. A percepção de pacientes sobre a comunicação não verbal na assistência médica. Rev Bras Educ Med. 2010;34(3):363-70.
27. Costa FD, Azevedo RCS. Empatia, relação médico paciente e formação em medicina: um olhar qualitativo. Rev Bras Educ Med. 2010;34(2):261-9.
28. Murray E, Lo B, Pollack L, Donelan K, Catania J, White M, Zapert K, Turner R. The impact of health information on the internet on the physician-patient relationship. Arch Intern Med. 2003;163(14):1727-34.
29. Cabral RV, Trevisol FS. A influência da internet na relação médico-paciente na percepção do médico. Revista AMRIGS. 2010;54(4):412-416.
30. Haug MR. A re-examination of the hypothesis of physician desprofissionalization. Millbank Q. 1988; 66(suppl 2):48-56.
31. Freidson EA. How dominant are the professions? In: Hafferty FW, Mckinlay JB. The changing medical profession: an international perspective. New York: Oxford University Press. 1993; pp. 54-6.

✉ Endereço para correspondência
Fabiana Schuelter Trevisol
Av. José Acácio Moreira, 787
88.704-900 – Tubarão, SC – Brasil
☎ (48) 3622-1442 / (48) 3631-7239
fastrevisol@gmail.com

Recebido: 25/5/2012 – Aprovado: 4/6/2012